



Enrique Lorenzo viu frustrada sua carreira de jogador de futebol profissional quando, num safári, um rinoceronte sentou-se em cima de seus joelhos. Agora ele se dedica temporariamente às ilustrações, enquanto espera que lhe transplatem as pernas do Messi.



Roberto Santiago tinha treze anos quando ganhou uma medalha com o time de futebol de sua escola, o San Agustín. Mais tarde, escreveu muitos livros e dirigiu alguns filmes, mas ainda sonha com aquela condecoração e os amigos da época, por isso escreveu *Os Futebolíssimos*.



OS JOGADORES DO SOTO ALTO ESTÃO MUITO ANSIOSOS.



FORAM CONVIDADOS PARA PARTICIPAR DE UMA COMPETIÇÃO INTERNACIONAL, COM AS MELHORES EQUIPES DE FUTEBOL INFANTIS DO MUNDO.

MAS É POSSÍVEL GANHAR SEM FAZER GOL? EM UM JOGO OU DOIS, TUDO BEM, MAS EM TRÊS, QUATRO, NUMA COMPETIÇÃO INTEIRA?

HÁ ALGO ESTRANHO NESSA HISTÓRIA E...

... OS FUTEVOLÍSSIMOS VÃO INVESTIGAR!



1 8 2 6 1 1
ISBN 978-85-418-1815-5



Roberto Santiago

OS FUTEVOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DOS SETE GOLS CONTRA

OS FUTEVOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DOS SETE GOLS CONTRA

Roberto Santiago

Ilustrações Enrique Lorenzo



Tradução Paloma Vidal



OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO
DOS SETE GOLS CONTRA

Roberto Santiago

Ilustrações de Enrique Lorenzo

Tradução Paloma Vidal



Título original: *Los Futbolísimos: El misterio de los siete goles en propia puerta*

© Roberto Santiago, 2013 (texto) e Enrique Lorenzo, 2013 (ilustrações)

© Ediciones SM, 2013

Impresores, 2

Urbanización Prado del Espino

28660 Boadilla del Monte (Madri)

www.grupo-sm.com

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Caligrafia: Robson Mereu

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Roberto,

Os Futebolísimos: O mistério dos sete gols contra / Roberto Santiago ; ilustração Enrique Lorenzo ; tradução Paloma Vidal. -- 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2017.

Título original: *Los Futbolísimos: El misterio de los siete goles en propia puerta*
ISBN: 978-85-418-1815-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Lorenzo, Enrique. II. Vidal, Paloma. III. Título.

17-05068

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição novembro de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br





1

Meu coração bate tão rápido que acho que vai explodir a qualquer momento.

Nunca corri tanto na vida, nem mesmo quando recebo um passe longo e sou obrigado a escapar de dois zagueiros para chegar à bola antes do goleiro.

Estou correndo há tanto tempo que nem lembro mais quando começamos.

Sinto pontadas nas pernas e meus pulmões ardem.

No entanto, não posso parar.

Corre, corre, corre.

Olho para trás e lá vem ela. Está quase me alcançando.

Tem a cara vermelha, respira com força, está suada e

com o cabelo desganhado de tanto correr, mas parece não se importar com isso agora.

Quando se propõe fazer alguma coisa, não há quem a detenha.

— Vamos, Francisco, não pare! — grita minha mãe.

Eu a observo por um instante enquanto sigo em frente.

Nunca a vi assim.

Está completamente vermelha por causa do esforço, porém não para de correr.

As mães também correm.

Não imaginava que a minha podia correr tão rápido.

Eu acelerero, só que ela me alcança. Corre como se fosse o fim do mundo.

Então toma a dianteira.

— Venha, Francisco, não vai dar tempo!

As pessoas se afastam quando nos aproximamos e algumas se assustam, gritando que tenhamos cuidado, que não se pode ir assim pela rua.

Estamos a ponto de cruzar com uma senhora empurrando um carrinho de compras. A mulher o tira rapidamente da frente quando minha mãe passa.

O carrinho desliza e quase bate em mim. Tento desviar dele, mas esbarro numa roda. Saio aos tropeções e estou a ponto de cair quando, um instante antes de eu me espantificar no chão, minha mãe me segura.

— Desculpe-me, senhora! — diz ela.



E continuamos a correr.

Ergo a cabeça e vejo um enorme relógio na fachada do edifício para onde estamos nos dirigindo. Já são quase nove horas.

Não vai dar tempo!

Um grupo de crianças da pré-escola, andando em fila de mãos dadas, ocupa praticamente toda a calçada, bem na nossa frente.

Impossível passar.

Damos um salto e seguimos pelo meio da rua. Um táxi começa a buzinar para nós.

— Está louca, minha senhora? — grita o taxista. — Não se pode atravessar por qualquer lugar da rua. Depois dá no que dá!

Minha mãe se vira e eu penso que vai pedir desculpas também. Em vez disso, ela levanta a mão e reclama do taxista.

Logo me puxa e continua correndo.

— Vamos, vamos! — exclama.

A buzina do táxi soa furiosa várias vezes. Acho que o homem estava xingando a gente, mas não me viro, por via das dúvidas.

Alcançamos a faixa de pedestres. O relógio do edifício marca dois minutos para as nove.

O semáforo está vermelho.

Minha mãe para de repente e me detém, pondo a mão no meu peito.



Não está passando nenhum carro, porém ela não me deixa atravessar.

— E agora, o que foi? — pergunto. — Podemos correr pelo meio da rua entre os carros, mas não avançar o semáforo quando não vem ninguém?

— Devemos respeitar os sinais, Francisco — diz ela, bem séria.

— Mas não vem ninguém! — insisto.

— Os sinais são sagrados — responde minha mãe. — Seu pai é da polícia municipal e muita gente no mundo deu a vida para que os semáforos existissem. É uma dessas grandes invenções da humanidade, você devia saber disso.

— Tá bom... — digo.

Então ficamos lá parados, com a língua de fora por causa da corrida, esperando o semáforo ficar verde, ainda que não passe nenhum carro.

Conto desesperado os segundos: um, dois, três, quatro...

Quando chego a treze... o semáforo finalmente muda de cor e voltamos a correr como loucos.

Nove horas e um minuto.

Tarde demais.

Entramos na estação de ônibus. Ela é enorme e está lotada de gente. Continuamos a correr sem parar.

Uma família de estrangeiros, com um monte de pacotes empilhados ao redor, nos olha de cara feia, pois quase derrubamos sua bagagem. Eles nos dizem alguma coisa que não entendo.

Descemos correndo as escadas rolantes.

Minha mãe vai esbarrando nas pessoas e pedindo desculpas ao mesmo tempo.

É muita gente para ela se desculpar...

Finalmente chegamos ao piso inferior, onde os ônibus estão estacionados. O ruído dos motores, que são muitos, é tão alto que não ouvimos um ao outro.

Ela grita para mim:

— Você viu qual é a plataforma?

— Não tenho ideia! — respondo. — A única coisa que fiz foi correr atrás de você!

Há dezenas de ônibus.

Qual deles será?

Com certeza já partiu: a saída era às nove e são nove horas, um minuto e vinte segundos.

Minha mãe pega o celular enquanto olhamos ao redor, desesperados.

Leio os destinos exibidos nos ônibus: Múrcia, Valência, Salamanca, Cidade Real...

Onde estará o nosso?

— Não responde... — declara minha mãe enquanto desliga o telefone.

Continuamos avançando pelo piso inferior, muito nervosos. São nove horas e dois minutos.

